



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de sanção da Lei da Timemania**

Brasília - DF, 14 de setembro de 2006

Meu caro Aldo Rabelo, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Meu companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,

Meu companheiro Nelson Machado, ministro da Previdência Social,

Meu companheiro Tarso Genro, ministro da Secretaria de Relações
Institucionais,

Meu querido companheiro ex-ministro, deputado Agnelo Queiroz,

Deputado Deley,

Minha querida companheira torcedora do Santa Cruz, fiquei sabendo
agora, Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal. Eu, se
soubesse, talvez não a tivesse escolhido para a Caixa Econômica Federal,

Meu caro Nabi Abi Chedid, presidente em exercício da Confederação
Brasileira de Futebol,

Meu caro Mustafá Contursi, presidente em exercício do Clube dos 13.

Senhor Fernando Carvalho, presidente do Sport Clube Internacional,

Senhor José Neves Filho, presidente do Santa Cruz,

Meus amigos e amigas, secretários e secretárias de Esporte,

Senhores dirigentes de federações e de clubes,

Cara jogadora da Seleção Brasileira,

Caros atletas aqui presentes,

Meu caro Paulo Sérgio, hoje vice-presidente da Federação Paulista,

Meus amigos e minhas amigas jornalistas,

Dirigentes dos clubes de futebol,



Antes de ser presidente da República, eu sou brasileiro. Antes de ser presidente da República, eu sou fanático por esporte e, dentro do esporte, o futebol. E antes de ser presidente da República, eu sou torcedor, desde muito pequeno, mas não daqueles torcedores que vão ao estádio, porque depois de ter virado presidente da República, nunca mais fui. Aliás, a última vez que eu fui foi no jogo da Seleção Brasileira com o Haiti. Eu era um torcedor daqueles que enfrentavam filas, que tomavam chuva, que, às vezes, ficavam na fila e, quando chegava a minha vez de entrar, não tinha mais ingresso para ser vendido, e ficava tentando subir em algum lugar para ver o jogo por cima do muro. Sou daqueles que já viram o time perder muito, o time ganhar, sou daqueles que iam ao estádio para ver outros times de futebol que estavam vivendo momentos importantes.

Foi com essa visão que eu, junto com o ministro, na época, Agnelo, decidimos que era preciso cuidar do esporte, não como uma empresa apenas, como alguns querem, porque o esporte é antes de tudo uma paixão nacional. Alguém disse aqui, agora há pouco, que não são poucos os times brasileiros que têm mais de 80 anos, 90 anos, 100 anos, 40 anos, ou seja, tem poucos times com menos de 50 anos no Brasil.

Eu contava para o Nabi Abi Chedid uma coisa extraordinária. Você vai a uma cidade como Campinas, você encontra uma torcedora, que eu acho que se chama Conceição, uma torcedora da Ponte Preta, que já é uma senhora. Então, só tem alguém que ela ama como ama a Ponte Preta, que é Deus. E eu acho que cada clube tem essas referências, muitas vezes têm muitas, mas só aparecem umas ou outras. Eu lembro que o Corinthians tinha uma senhora chamada Elza, que era muito famosa. E cada time deve ter o seu torcedor fanático, aquele que está todo dia ali, chorando, brigando, aquele que vai quando o time perde, quando o time ganha, quando está chovendo, quando está sol, aquele que vai de ônibus, dois, três dias de viagem. Às vezes, ele



nem consegue chegar perto do presidente do time, às vezes não consegue nem chegar perto dos jogadores, mas estão lá.

Essa coisa é que me faz entender o futebol não apenas como atividade esportiva. O futebol, no Brasil, é uma atividade cultural, é um patrimônio cultural do País ter o que nós temos. E a minha preocupação é saber que essa lei não vai resolver tudo. É importante que os dirigentes, os jogadores e as jogadoras saibam que essa lei é apenas o começo de um processo, de uma relação que estamos estabelecendo com vocês, que não é uma relação do toma lá dá cá. É uma relação civilizada, de homens e mulheres civilizados que se reúnem com governantes civilizados e estabelecem regras que possam, da forma mais transparente possível, nortear os passos que nós temos que dar para recuperar o futebol brasileiro.

Quando eu digo recuperar o futebol brasileiro é por uma razão muito simples: a globalização nos pegou na questão do esporte no contra-pé. Nós não estávamos preparados para viver o momento que estamos vivendo no esporte globalizado. Os nossos times não tinham uma estrutura para dar sustentação aos seus artistas, aos atletas que tem hoje o futebol europeu, sobretudo, se nós analisarmos a Alemanha, Inglaterra, Itália e Espanha. Não temos. E por que não temos? Nós não podemos jogar a culpa em cima de um presidente de um time, em cima de um presidente da CBF. Nós temos que jogar a culpa em cima de todos nós, afinal de contas, é uma responsabilidade nossa cuidar conjuntamente de uma coisa que é uma paixão nacional. Não é responsabilidade de um clube, porque são raros os momentos em que o clube pode ir bem. Eu já vi times acabar de ser campeões e perder cinco, seis, sete jogadores de uma só vez, eu já vi time de futebol no Brasil, no meio do campeonato, perder quatro ou cinco jogadores titulares. E esse paradoxo, nós vamos ter que resolver, porque hoje os clubes brasileiros – e é por isso que a outra lei está no Congresso Nacional – os clubes brasileiros que investem na formação do jogador, na verdade até nós, torcedores, só conhecemos os



jogadores até 20 anos, hoje já estão comprando garotos de 10, garotos de 12, garotos de 15 anos. Daqui a pouco, vão à maternidade. Vocês, que são atletas aí, quando as mulheres estiverem para dar à luz, já vão querer comprar pensando que vão ser iguais a vocês.

Esse é um dado concreto e nós temos que nos debruçar sobre esse problema e tentar encontrar uma solução. Nada de ferir a autonomia do jogador, até porque ele é um ser humano que tem o direito de fazer os melhores contratos e ganhar o máximo que ele puder ganhar, mas o fato de você beneficiar um, não significa que você tenha que prejudicar o clube, que investiu muitas vezes num jogador desde os 6 anos de idade, 4 anos de idade, 5 anos de idade.

Eu fico sempre lembrando o caso do Ronaldinho, que foi vendido para o Paris Saint Germain, não sei se foi para o Paris Saint Germain, mas foi para a França, porque tinha vencido o tempo dele e ele tinha direito de ir de graça. O Grêmio recebeu um pouquinho, depois o time francês o vendeu para o Barcelona por uma fortuna. E o Grêmio não ganhou nada. Apenas para citar um exemplo, sem divergência entre nós, eu poderia citar o caso do Kaká. O Paulo Sérgio, eu o vi jogar no Corinthians moleque, depois, se eu quisesse vê-lo, eu tinha que ir assistir de vez em quando ao jogo da Alemanha na televisão, quando passava, porque está passando mais recentemente.

Quem quiser ver os atletas da Seleção Brasileira jogando hoje, tem que ligar uma televisão a cabo e ver um campeonato europeu. Esse hiato de 10 anos, nós vemos os atletas jogando dentro do Brasil até 20 anos e, depois, vamos vê-los de volta aos 30 anos, depois de passar pelo Japão, depois de passar por outros países que não têm o futebol com a dimensão que tem o europeu. E a gente vê os jogadores voltarem para o Brasil para encerrarem a sua carreira. Obviamente que os mais velhos aqui, como eu, nós somos da geração que via um jogador nascer num time e parar a carreira no time, seja o Corinthians campeão de 54; o Palmeiras Academia; o Botafogo de Garrincha,



Didi e Quarentinha; o Flamengo, nos seus melhores momentos, ultimamente, o de Zico; o Vasco da Gama, o Fluminense, o Santos, o São Paulo. Nós todos assistimos a máquina do Santos nascer e morrer ali dentro. Todos nós vimos, por exemplo, o Botafogo, que tinha um time na mesma envergadura do Santos, em que os jogadores nasciam e morriam ali dentro.

Eu não defendo essa perpetuação, porque eu sei que os atletas precisam aproveitar as oportunidades para ganhar, porque a profissão deles é de 10 anos. Se não fizerem um pé de meia nos 10 anos e procurarem ganhar no momento em que está bem... nós vimos o que foi feito com Garrincha neste País. O Garrincha era a sensação do Brasil, e o contrato do Didi, que não era menos sensação, era três vezes o contrato do Garrincha, porque um agia mais profissionalmente e o outro agia apenas com a paixão do futebol.

Essa loucura que é o futebol precisa ser tratada sem loucura, precisa ser tratada com seriedade. Foi por isso que eu disse para vocês que essa Timemania é apenas um primeiro passo. Tem muita gente que acha que o time-empresa é o time colocar a faixa de uma empresa que todos os times têm hoje. Aquilo é uma ajuda. O time-empresa é quando nós tivermos os times brasileiros preparados, gerando renda para poder sobreviver. Aí sim, nós viraremos time-empresa, quando a camisa de um jogador valer o que vale na Europa hoje. Tentem comprar uma camisa do Ronaldinho na Espanha, tentem comprar uma do Kaká para ver quanto custa, para citar apenas duas figuras importantes do futebol brasileiro.

Agora, aqui, no Brasil, nem o povo tem o poder aquisitivo suficiente e nem nós temos esse hábito, que precisamos adquirir, de fazer com que o clube vá se estruturando, porque nós estamos pleiteando a Copa do Mundo de 2014. Vocês sabem que, para a gente ter a Copa do Mundo de 2014 aqui – o Presidente da Fifa está vindo ao Brasil agora, no dia 28 de setembro – para que a gente tenha a realização da Copa do Mundo hoje, no Brasil, pelos critérios da Fifa, nós não temos nenhum estádio em condições de sediar jogos



da Copa. Significa que, se nós estamos pleiteando – e eu já fiz questão de tornar pública a vontade do governo brasileiro de ter a Copa do Mundo aqui, em 2014 – significa que nós vamos ter que pensar, no mínimo, em construir 12 novos estádios neste País. E não é responsabilidade dos clubes ou apenas da Confederação, é responsabilidade do governo federal, dos governos estaduais e dos prefeitos, é responsabilidade do nosso Banco de Desenvolvimento, é responsabilidade dos nossos bancos públicos, Caixa e Banco do Brasil, porque uma Copa do Mundo vai dar ao Brasil uma visibilidade que, possivelmente, a gente não tenha dimensão.

A única coisa que nós guardamos da Copa de 50 são os dois gols uruguaios. Mas, da Alemanha, a gente percebe que guarda outras coisas. Embora o Brasil não tenha feito jus a tudo que nós somos, a verdade é que guardamos da Alemanha a imagem de uma Copa do Mundo altamente profissionalizada. Aquilo significa que é possível construir a paz no mundo, e o futebol pode ser isso.

Eu, por exemplo, quando convidei o Ricardo Teixeira para levar a Seleção Brasileira para o Haiti, se vocês não viram ainda, tem um documentário sobre a ida da Seleção Brasileira ao Haiti que mereceria ser visto por todo mundo, jogadores, dirigentes, e deveria passar nos canais da televisão brasileira em horário nobre, porque se alguém tiver alguma dúvida do que o Brasil representa no mundo esportivo, sobretudo no futebol, assistam aquele documentário e vocês vão ver que é mais do que uma paixão. Não existe doença sadia, mas é uma coisa tão forte que eu jamais imaginei poder ver um espetáculo daquele, o comportamento do povo na rua.

Agora mesmo eu dizia ao Nabi Chedid, que o Líbano está precisando da Seleção Brasileira. A Seleção Brasileira vai ao Kuait no dia 12, quem sabe, Nabi, seja importante você ligar para o Ricardo Teixeira, já que estará lá pertinho, quem sabe possa se fazer um jogo no Líbano pela paz, alguma coisa que possa simbolizar... os atletas brasileiros podem entrar em campo



carregando mensagens para a juventude brasileira, não apenas entrar com a camisa da empresa que os patrocina, podem entrar com faixas, palavras de ordem para a juventude brasileira, orientação para a sociedade, e eu penso que todos os atletas têm disposição e vontade de fazer essas coisas.

Essa lei que eu acabo de sancionar agora é o começo de uma jornada, é o começo de uma jornada porque eu sonho, não apenas como presidente, porque o presidente tem mandato, tem prazo determinado, mas como cidadão brasileiro e como torcedor, eu sonho com o dia em que os jogadores brasileiros não terão que jogar lá fora por causa de dinheiro. Ele poderá ir porque quer ir, às vezes ele quer aumentar seus conhecimentos, às vezes a mulher quer formar os filhos, ele pode até querer ir, mas que os clubes brasileiros tenham as mesmas condições de sustentabilidade financeira que têm os clubes europeus.

Como é que a Espanha chegou ao que chegou? Como é que a Itália chegou aonde chegou? Dizer: “Mas no Brasil é porque os dirigentes não são honestos”, é a coisa mais simples, é você jogar a pecha de desonesto em cima de alguém. A Itália, que é esse monstro sagrado do futebol, que já está quase perto do Brasil na conquista de Copas do Mundo, todo dia a gente tem uma denúncia no jornal, entretanto, o futebol não perde o profissionalismo.

É essa a mentalidade que nós precisamos carregar para os clubes brasileiros, para a gente convencer os torcedores, para compreenderem que eles são a razão da sustentação do seu clube. E nós vamos ter que resolver vários problemas, o problema financeiro é apenas um. Outros nós precisamos, viu Orlando, quem sabe criar um fórum permanente de discussão sobre esporte brasileiro, um fórum permanente para que a gente possa dar, definitivamente, uma solução para o futebol brasileiro, para que a gente possa sonhar em ver os estádios lotados, que a gente possa levar mulheres e filhos para os estádios, que a gente não esteja subordinado a briga.

Eu, por exemplo, deixei de ir ao estádio porque um espetáculo para mim



era ficar perto da torcida, era sentar no meio da torcida porque era um espetáculo à parte. Pelo menos se você pegar algumas torcidas mais fanáticas, do Flamengo, do Corinthians, do São Paulo, do Santos, do Botafogo, do Vasco da Gama. Então, eu penso, para citar apenas alguns grandes times aqui, Cruzeiro, Atlético, se a gente for citar, daqui a pouco vão dizer que a gente está esquecendo times. Bragantino, para eu não esquecer, Santa Cruz, Figueirense. Ou seja, nós vamos ter que compreender isso.

Então, eu queria agradecer o empenho de vocês. Essa lei, obviamente, saiu porque vocês trabalharam para ela sair. Quero agradecer o empenho do presidente Aldo Rebelo, agradecer ao ministro Orlando, mas sobretudo agradecer a um companheiro a quem todos nós devemos a existência desta lei, que é o companheiro Agnelo Queiroz.

Eu quero terminar dizendo a vocês o seguinte: tenham neste ato de hoje, aqui, apenas o primeiro passo. Imaginem a Muralha da China, imaginem quanto levou para construir aquilo, imaginem quantas vezes as pessoas que iam trabalhar desanimavam: “será que a gente vai chegar ao final?” Então, eu quero que vocês imaginem que estamos dando um passo importante numa caminhada que temos que concluir daqui a algum tempo, que é recuperar o futebol brasileiro para nós, brasileiros. Porque, para mim, não é confortável saber que o Brasil, embora sempre seja chamado de “o país do futebol”, a verdade é que hoje houve um inversão, nós somos o país criador de jogadores de futebol, mas onde o jogo é praticado com os grandes atletas que todo mundo gostaria de ver, os que chegam à Seleção, é no continente europeu.

E nós queremos que o Brasil volte a ter os nossos atletas. Aqui é assim, você marcou dois gols, daqui a pouco já tem um empresário levando o jogador para fora. Obviamente que o jogador tem que ir, porque ele está pensando é no futuro da família dele, ele está pensando é em sustentar sua família, seus pais. Normalmente são pessoas pobres, que vêm da periferia, e quando ganham um pouco de dinheiro, precisam cuidar do futuro. É assim que todo mundo



funciona, é assim que vocês funcionam, é assim que todo mundo pensa neste País.

Por isso, meus queridos atletas, minhas queridas atletas, meus queridos dirigentes esportivos, eu quero que vocês sejam cúmplices dessa boa demanda. Eu sei que tem muita gente que faz crítica, tem muita gente que fala em clube-empresa com uma facilidade, é tudo muito fácil na teoria. Na prática, quando o presidente do time ou o tesoureiro vai ver o que arrecadou no final do mês para a folha de pagamento, para o “bicho” que tem que dar, porque se a gente pudesse dar “bicho” quando ganha e descontar quando perde, seria bom, mas a gente só pode dar “bicho” quando ganha, não pode descontar quando perde. Como eu fui jogador de várzea e sei o que é o mundo da várzea, joguei muito tempo, vi Paulo Sérgio, não fui ao Bayern de Munique porque não tive chance. Mas eu queria dizer para vocês que me deixa triste saber que a nossa várzea não tem mais a quantidade de campos que nós já tivemos.

Eu morei num bairro muito pobre de São Paulo, na Vila Carioca, e a gente tinha um campo atrás do outro, a gente jogava sábado de manhã, sábado à tarde, domingo de manhã, domingo à tarde. Hoje eu passo lá e não tem mais, estão acabando os campos, então, aquilo que o Didi falava, que o Garrincha falava, ou melhor, o Nilton Santos, que as crianças deveriam aprender com uma bola de meia, numa rua de terra, hoje as crianças aprendem numa escolinha, porque quem mora numa cidade já não tem mais espaço para jogar. E eu quero ajudar, para que a gente reconstrua isso, porque eu vivi esse tempo, eu sei o quanto é saudável a prática de esportes, não apenas para ganhar dinheiro. A prática de esportes como um todo é extraordinária.

Eu queria terminar lendo apenas duas páginas aqui do que estava escrito, porque senão o pessoal que faz o discurso fica achando ruim. Eu acho que se nós tratarmos o futebol brasileiro como patrimônio nacional, eu vou dar



um exemplo aqui para o Presidente do Internacional, eu sou simpático, sou torcedor do Internacional, no Rio Grande do Sul, embora seja apaixonado pelo Grêmio, porque eu vi o Grêmio fazer um jogo com o Cruzeiro em que o Grêmio estava perdendo o jogo, eu estava com o Tarso Genro, o que eu vi aquela torcida fazer e o que eu vi aqueles jogadores fazerem dentro de campo! Somente a auto-estima é que leva um time a fazer aquilo.

Eu sou torcedor do Internacional, minha mulher por exemplo, não era torcedora de nada. Foi em 1976, quando o Internacional ganhou do Corinthians, em um campeonato brasileiro, o Internacional do Falcão, do Caçapava, do Batista, do Paulo Sérgio Carpegiani, do Lula, foi ali que a minha mulher virou corintiana, porque eu sofri e ela, então, foi solidária ao meu sofrimento e virou corintiana.

Então, o futebol é capaz dessas coisas e se as pessoas virem futebol, as pessoas vão sentir o mesmo que a minha mulher sentiu. Por que eu virei torcedor do Vasco da Gama no Rio de Janeiro? Virei torcedor do Vasco por causa do Bellini, por causa do Pinga, por causa do Sabará, por causa do Orlando em 1957. Bem, essas coisas, se mexeram comigo, mexem com qualquer brasileiro que tenha a oportunidade de ver. Agora, se a gente para ver jogo de futebol tem até que pagar uma TV a cabo, porque o pobre não tem TV a cabo e não pode ver, aí é demais. Então, essas coisas nós vamos ter que consertar gente, isso não tem mágica, isso não é possível fazer por decreto, isso é possível fazer como construímos essa lei agora, conversando com todo mundo, onde ninguém procure levar vantagem sobre ninguém, mas onde a gente tenha três objetivos definitivos: salvar os clubes brasileiros e dar a eles a dimensão que eles têm que ter, porque já têm, do ponto de vista histórico; garantir que os nossos atletas sejam remunerados de acordo com o que merecem e que tenham garantias no serviço que estão fazendo; e, sobretudo, beneficiar o torcedor brasileiro que, no fundo no fundo, termina sendo o pai de todos nós, porque sem eles não haveria clube de futebol.



Que Deus abençoe todos vocês, boa sorte, e vamos fazer um pouco mais daqui para a frente.